

FAZERES PEDAGÓGICOS PARA SE PENSAR A PROFANAÇÃO DO CURRÍCULO CONTEMPORÂNEO E A FORMAÇÃO DOCENTE

Alexssandro Schappo

Universidade Federal da Fronteira Sul

aleschappo@gmail.com

Orientador: *Bruno Antonio Picoli*

Universidade Federal da Fronteira Sul

bruno.picoli@uffs.edu.br

Eixo 07: Ciências humanas

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo investigar as possibilidades de resistência frente aos avanços de um processo educativo neoliberal que normatiza os corpos que nele se inscrevem. Benvenuti e Strieder (2019, p.80) apontam que uma educação preocupada essencialmente com o desenvolvimento econômico “renuncia imprudentemente a qualificações indispensáveis à sobrevivência dos seres humanos como humanidade”. Desse cenário surge um corpo-professor subjetivado pelo conhecimento de manual, que segundo Loponte (2003, p.78/79) “(...) ainda esperam com ansiedade receitas de ‘salvação’ para suas práticas pedagógicas, que alguns especialistas iluminados lhes mostrem o caminho da entrada da caverna e de toda a verdade para a docência”. Sem saber que o mundo luminoso que se desdobra para fora da caverna pertence ele mesmo ao mundo sombrio.

Desse panorama nasce a necessidade de uma educação de resistência que subverta essa lógica ao proporcionar o desenvolvimento de uma sensibilidade que abraça o corpo, as sensações. Merleau-Ponty (2013, p. 37) nos lembra que “O corpo é para a alma seu espaço natal e a matriz de qualquer outro espaço existente”, Corpo este que também será o ponto de catarse da experiência estética, como esclarece Meira (2007, p. 57) “[...] estética é sempre um conceito recorrente, contingente, contextual, não tendo como finalidade definir-se como verdade absoluta. Essa recorrência faz o pensamento estético voltar sempre às sensações que são os sensores do corpo, aquilo que faz a interface com a vida”. Estar disposto a tornar-se um espaço de acontecimentos é fundamental para que se instaure uma experiência que se passa *em nós* e não *por nós*, como destacado por Larossa (2000), por mais que os mecanismos pareçam se deslocar cada vez mais na direção contrária; segmentando, fragmentando, fomentando um capital que encontrará a destruição em si mesmo.

Com base nos estudos em Foucault, Taylor (2018, p. 230) assinala que “(...) temos de reconhecer que participamos ativamente de nossa autoconstituição e, portanto, possuímos a capacidade de nos envolver em tal análise”, ressaltando a ideia de que nossa subjetividade não se basta na “descoberta” de quem somos, mas que se trata de um entendimento do que *significa* ser, em movimentos constantes de analisar criticamente sua prática e seu entorno. A prática da crítica, segundo Taylor (2018), torna-se um recurso para construção do eu e de

afirmação no mundo, uma forma de questionar as relações de poder dentro de um regime de verdade, um comportamento que Foucault (1990) chamaria de “indocilidade reflexiva”. Nóvoa (apud SOARES e SOUZA 2008, p.199) aponta que “A crise de identidade dos professores, objeto de inúmeros debates ao longo dos últimos vinte anos, não é alheia a essa evolução que foi impondo uma separação entre o eu pessoal e ao eu profissional”, contribuindo para a efetivação de uma linha discursiva que aumenta o controle sobre os professores. As histórias de vida como ponto de partida epistemológico contribuem para se pensar um movimento que não mais segregue o corpo professor de sua identidade. Soares e Souza (2008, p.198) afirmam que esse processo proporciona momentos de auto-reflexão “conduzindo a compreensão e análise da conduta pessoal, da valorização de si mesmo como pessoa profissional, dentre outras questões fundamentais”.

Para apontar caminhos possíveis essa pesquisa recorrerá à produção bibliográfica e a experiência do percurso formativo do autor. Nesse sentido, invocamos a presença do conceito de *profanação*, cunhado por Agamben (2007), como um dos principais recursos para se pensar essa narrativa. O autor identifica na profanação a procura de diferentes possibilidades de uso para algo que já nos parece definido, e exemplifica a apropriação das crianças por assuntos e atividades que nos habituamos a encarar como sérias, trazendo-as para o âmbito das brincadeiras, do jogo, do reuso. Somos convidados a tomar as rédeas de nosso fio de Ariadne, num movimento simbólico de tomada de consciência e protagonismo do nosso processo de individuação, tendo em mente que a suposta saída se trata da entrada em um novo labirinto.

Palavras-chave: Neoliberalismo. Estética. Profanação.

Referências

AGAMBEN, Giorgio **Profanações**. São Paulo: editora Boitempo. 2007.

BENVENUTTI, Dilva Bertoldi. STRIEDER, Roque. **Experiências Formativas em Contextos de Complexidade**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2019.

DE SOUZA, Elizeu Clementino. SOARES, Liane Figueiredo. **Histórias de Vida e Abordagem (auto)biográfica: Pesquisa, Ensino e Formação**. In: A Trama do Conhecimento. Org. Lucídio Bianchetti e Paulo Menksenas. São Paulo: editora papyrus, 2008.

LAROSSA, Jorge. Dar a Palavra – Notas Para Uma lógica de Transmissão. In: LAROSSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel: Políticas e Poéticas da Diferença**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001. P. 281-195.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Do Nietzsche Trágico ao Foucault Ético: sobre estética da existência e uma ética para a docência**. Revista Educação e Realidade, 2003.

MEIRA, Marly Ribeiro. **Filosofia da Criação: Reflexões sobre o sentido do sensível**. Porto Alegre: Mediação, 2003, 144p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Olho e o Espírito**. São Paulo: Editora Casac Naify, 2012. 187p.

TAYLOR, Diana. **Michel Foucault: Conceitos Fundamentais**. São Paulo: editora Vozes, 2018.